

Matrizes do Iluminismo Católico da época Pombalina

Cândido dos Santos

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 949-956

Matrizes do Huminismo católico da época pombalina

Cândido dos Santos

1. No princípio do século passado, Sebastian Merkle e Henrich Schrörs reabilitaram, em certa medida, o josefismo austríaco e a própria figura do imperador José II.

Exaltado pela historiografia liberal e republicana, o filho de Maria Teresa era julgado com severidade pelos historiadores católicos. Merkle e Schrörs alteraram este quadro, ao integrarem a acção de José II no movimento de reforma da Igreja e da vida religiosa a que chamarão Huminismo católico.

Mas será legítimo falar-se de Huminismo católico, mesmo em país germânico?. Não haverá apenas um único Huminismo, o da conhecida definição de Kant, aquele que proclama a necessidade de o homem deixar a "menoridade" e passar a utilizar o seu próprio entendimento, a sua razão-esse sol radioso que varre as trevas da ignorância e da superstição?¹

A discussão é legítima. Continuo, porém, a pensar que a categoria de Huminismo católico é historiograficamente útil. Como a de Humanismo cristão.

Tal movimento de renovação não se confinou ao país germânico. Se ele se define, como quer Sebastian Merkle,² pela renovação da liturgia, pelo abandono de formas populares de devoção, pelo sentido histórico, pelo gosto da história eclesiástica, pela oposição ao escolasticismo, pela austeridade moral e recusa do probabilismo, pela predilecção das línguas vulgares, pela crítica do estilo barroco de pregação, etc. então teremos de concluir que os ventos do referido movimento também se fizeram sentir em terra portuguesa.

Na verdade, não deixa de impressionar a frequência dos termos "iluminado" e "luzes", em oposição a "trevas", as trevas da ignorância.

Na pena do Arcebispo de Évora, D. Frei Manuel do Cenáculo, do R António Pereira de Figueiredo, do Arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, é manifesta a consciência de que é necessário "iluminar". D. Gaspar aponta o caso dos missais e breviários e a necessidade imperiosa de serem expurgados do chorrilho de fábulas e lendas ridículas. E agradece ao P. Pereira de Figueiredo a ajuda que está na disposição de dar para a impressão de uns missais e breviários, " não só pela falta que deles há como pelas indesculpáveis fábulas e erros de que estão cheios"; deseja-lhe saúde para " enriquecer os sábios a desterrar do mundo as falsas preocupações muitas vezes fundadas na piedade mal entendida". Espera com impaciência a dissertação crítica sobre o antigo e moderno calendário da Igreja de Braga de onde virão as " verdadeiras" e "claras luzes" que ilustram o entendimento. Não teme as críticas, porque "só algumas velhas e outros que não merecem certamente o nome de homens é que resistirão a tantas luzes".

Agradece-lhe o esforço da sua pena empenhada em enriquecer a República das letras, libertando a sua pátria das trevas da maior ignorância, e lembra que é preciso retirar os santos apócrifos, porque "é grande miséria que nas causas mais santas se misture a superstição mais estragadora, adoptando por próprios santos que nunca houve".

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DH.

¹ V. *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, s. v. *Huminismo*, vol. X. col.I, p.927.

² Jöel. Saugnieux, *Lejansisme espagnol du XVIII eme siècle, ses composantes et ses sources*. Universidade de Oviedo, 1975, p.22.

Segundo o Arcebispo, a ignorância e a superstição habitavam no seio do próprio cabido bracarense." V. Mercê quis que se mostrasse a sua dissertação ao meu cabido e eis aqui o que é espalhar pérolas a quem não conhece a sua preciosidade."³

D. Miguel da Anunciação em Coimbra, D. Gaspar da Encarnação entre os Cónegos regrantes, D. Miguel de Távora e Sousa em Évora, estavam todos possuídos do mesmo espírito reformador.

O aparecimento dos estatutos da Universidade de Coimbra em 1772 e do *Compendio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra* que os precedeu em 1771 revela esse mesmo espírito.

As obras de Pereira de Figueiredo- *Tentativa Teológica e a Demonstração teológica, canónica e histórica...*, invocando a disciplina da Igreja primitiva, são uma defesa e afirmação do poder dos bispos contra as pretensões dos curiais de Roma.

Caracterização do movimento

Assim, alguns aspectos deste movimento- regalista em política, jansenista em moral, progressista na cultura anti-Aristóteles e anti-escolástica- estão presentes em Portugal.

Regalista, jansenista e progressista. Não, porém, anti-religioso, como na França.. É, talvez, anticlerical. Com certeza, anti-jesuita. Como quase todas as Ordens religiosas e uma parte dos bispos portugueses.

Não era anti-religioso. Em 1776 escrevia Pereira de Figueiredo ao Marques de Pombal:

"quanto à Religião deveis ser tão tenaz e zeloso da pratica como oposto a todos os que a pretendem contaminar com dogmas ou institutos peregrinos. Não só pela razão de quem despreza a Deus tudo o mais despreza, mas também porque, de contrário, nascem conjurações e conventículos e destas péssimas consequências à Republica. Não consintais, pois, nem homem ímpio e irreligioso nem homem impostor ou embusteiro".

E acrescenta: " desta praga de homens todos damos graças a Deus de estar tão limpo no presente reinado o nosso Portugal como nos antecedentes flagelado miseravelmente dela. Deveis acautelar-vos muito da hipocrisia e ambição dos que chamam Filósofos"..⁴.

Na Real Mesa Censória , sempre que uma obra punha em causa a Religião era- lhe negada autorização para ser impressa. Entre os livros a proibir pelos deputados- recorde-se que dos 7 , 5 eram eclesiásticos- contavam-se os ateus, protestantes, os que "neguem obediência ao Santo Padre, os livros de astrologia, feitiçaria, que promovam a superstição, livros obscenos, os que deturpam as Sagradas Escrituras e ainda os dos prevertidos filósofos destes últimos tempos".

Defendia-se, pois, como base da felicidade pública, uma religião sólida e discreta, com exclusão de tudo o que nela pretendesse introduzir ou a hipocrisia ou o entusiasmo ou o fanatismo.

Obras como as de Voltaire, Montesquieu e Diderot foram proibidas.

Com se vê, pelo menos alguns dos aspectos do Iluminismo católico estão presentes no nosso país.

2. Outra questão é a das matrizes do movimento. Não se trata de um movimento endógeno. Os seus modelos e inspiração vieram do exterior. Um dos grandes executores da reforma, o Marques de Pombal, não revelou, na primeira fase da sua vida, quaisquer intuítos reformadores. Mas o mesmo não acontece após o seu contacto com a realidade vienense de 1744 a 1749, designadamente com activos reformadores como Van Switen e Charles Antoine de Martini.⁵

Luis António Verney deixou o país pela cidade eterna e nunca mais voltou. Tinha 23 anos. Estávamos em 1736. O *Verdadeiro Método de Estudar* veio por em questão a situação dos estudos em Portugal e a pedagogia dos jesuítas. Porque revelava o atraso entre o "método de estudar" no país que deixara e a realidade diferente que encontrou fora dele. Por isso, se propôs lembrar aos responsáveis que era necessário implantar nos estudos um " verdadeiro método" em substituição do

³ Cândido dos Santos, "António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung", in *O Marquês de Pombal e o seu Tempo*. Universidade de Coimbra, 1982-83, tomo I, p.200.

⁴ *Discurso gratulatório e político ao Exmo Senhor Marquês de Pombal*, Biblioteca da Academia das Ciências, ms. Azul n.º 24, fl.21v.

⁵ Maria Alcina Ribeiro Correia, *Sebastião José de Carvalho e Melo na Corte de Viena de Áustria. Elementos para o estudo da sua vida pública (1744-1749)*, Lisboa, 1965, p.91.

método tradicional ...que era "falso," porque obsoleto.

É certo que outros mentores do movimento não saíram de Portugal. É o caso de Pereira de Figueiredo, de Frei Manuel do Cenáculo, de Frei João Baptista de S. Caetano Foi na leitura que beberam as ideias novas.

Uma análise, mesmo rápida, de alguma bibliografia que, apesar da censura, circulava no país, a verificação dos autores citados ou das autoridades invocadas, e os exemplos históricos apontados para fundamentar as posições defendidas, etc. revelam que a inspiração do iluminismo católico português tem suas fontes, sobretudo, em três grandes matrizes

2.1. Matriz flamenga e alemã

Aqui, é, desde logo, de salientar o nome de Van Espen. Zeger Bernard Van Espen é um canonista belga que, em 1674, começa a ensinar na Universidade de Lovaina. A sua obra principal é *Jus Ecclesiasticum Universum* na qual defende teses galicanas e regalistas. As suas ideias tiveram larga difusão e foram adoptadas em quase todas as faculdades de cânones e de direito na Europa e inspiraram todas as formas de regalismo. Faleceu em 1728.. Era uma verdadeira autoridade para os jansenistas. Dupac de Bellegarde chama-lhe "o mais célebre e o mais estimável canonista do nosso século, o oráculo dos canonistas dos nossos dias" (carta de 29 de Julho de 1769). Segundo este autor, Pereira de Figueiredo tinha-o adoptado como modelo. E, na realidade, o nome de Van espen é frequentemente invocado na sua obra como uma autoridade.

Mas outros nomes se encontram, como Opstræt, Nicolau Von Hontheim, Barthel e Von Rieger.

J. Opstræt(1651-1720) é um teólogo flamengo, professor em Lovaina, considerado o oráculo dos jansenistas da Holanda porque muitos dos seus escritos são consagrados à defesa das teses jansenistas e galicanas. A maior parte das obras de Opstræt foi reimpressa em Veneza como anunciavam as *Nouvelles Ecclesiastiques* de 24 de Abril de 1775. É autor conhecido em Portugal. Em 1776, Pereira enviou a Cenáculo uma obra sua - *Theologus Christianus sive ratio studii et vitae instituenda a Theologo*.

Nicolau Von Hontheim (1701-1790) é um canonista alemão, discípulo de Van Espen. Foi professor de direito romano e bispo auxiliar de Treveris. Sob o pseudónimo de Justinus Febronius publicou em 1763 a obra que lhe deu grande notoriedade: *De statu presenti Ecclesiae et legitima potestate Romani Pontificis* na qual ataca o poder pontifício. Apesar de cientificamente medíocre, esta obra obteve larga divulgação na Europa e em Portugal. É citada na *Tentativa Teológica* de Pereira.

J. Gaspar Barthel (1697-1761) é um canonista alemão do século XVIII. Professor de Direito canónico na Universidade de Wurtzburgo desde 1728, tratou, sobretudo das relações do Império com o Papa, aplicando o método nacional e histórico dos galicanos. Febronio chama-lhe o príncipe dos canonistas alemães. Nele se inspiraram os autores ligados à Aufklärung, os sequazes do josefismo e todos os estudiosos do direito público eclesiástico. Barthel nunca ultrapassou os limites da ortodoxia, embora, algumas vezes, tenha tido necessidade de se defender do progressismo de alguns dos cursos ministrados na Universidade. É autor conhecido em Portugal e citado por Pereira.

Paulo José Von Rieger (1705-1775) é um canonista da Universidade de Viena. Inimigo declarado dos jesuítas, atribui-se como missão estender a teoria do direito natural ao direito canónico. Tornou-se o campeão dos direitos civis sobre as coisas da Igreja. Aos reis cabia serem consultados antes de a Igreja tomar qualquer decisão que pudesse prejudicar o Estado; defendia o placet real para a publicação de qualquer documento pontifício; o padroado real em todos os benefícios do país; o direito de dispor dos bens da Igreja e dos seus rendimentos, etc

Em todos estes autores há uma posição ideológica comum- o galicanismo, a afirmação do poder real contra o poder papal.

2.2. Matriz franceza

É a matriz dominante. Com nomes como Gerson, Arnauld, Nicole, Quesnel, Colbert, ,Ellies Dupin, Richer, Natal Alexandre ,Maimbourg, Dujat, Durand de Maillane, Mesenguy, etc. etc. Quanto ao seu pendor ideológico, se exceptuarmos João Gerson, todos eles se encontram numa

vertente comum, a do galicanismo e jansenismo.

João Gerson (1363-1429) é o conhecido teólogo dos séculos XIV e XV- o *Doctor christianissimus*, mais tarde chanceler da Universidade parisiense. Esteve ligado ao agudíssimo problema do Cisma do Ocidente para cuja solução chegou a admitir a via conciliarística e o recurso ao poder civil. Trabalhou na renovação da filosofia e da teologia. Atacou a escolástica como sendo a vã curiosidade e o gosto exagerado pelas disputas.

António Pereira de Figueiredo dedicou-lhe dois volumes⁶ e diz que os seus livros, tanto no que toca ao político como ao eclesiástico, são digníssimos da estimação pública, digníssimos de que todos os leiam- Papas, Reis, Bispos, Ministros de Estado, Teólogos, Juristas...

Ninguém melhor que ele, ainda segundo Pereira de Figueiredo, defendera a superioridade de todo o corpo da Igreja sobre o Pontífice (conciliarismo); ninguém melhor explicou os limites do poder eclesiástico e secular; ninguém melhor persuadiu da obediência que deve ter o clero no espiritual aos Bispos e no temporal aos Reis e Príncipes soberanos...

E, naquele período de ruptura diplomática, Pereira de Figueiredo via nos livros de Gerson uma "confirmação autorizadíssima" da prudência e da piedade com que o monarca (D. José) se havia para com a corte de Roma.⁷

Antoine Arnauld (1612-1694) é a principal figura do jansenismo francês, conhecido por "Grand Arnauld".

Em certa fase da sua vida, este teólogo jansenista retirou-se para Port-Royal, centro maior do jansenismo. Acabou por ser expulso da Faculdade de Teologia de Paris, facto que motivou as Provinciais de Pascal que, entretanto, aderira também ao movimento.

Bellegarde interessou-se por difundir em Portugal as obras deste autor. Sabemo-lo porque António Pereira o confessou a Frei Manuel do Cenáculo a quem envia dois tomos do "Grand Arnauld" que contêm as suas cartas. E pergunta ao Arcebispo se pode garantir ao antigo conde de Lião (Dupac de Bellegarde) a admissão das obras de Port-Royal em Portugal...

Pasquier Quesnel (1663-1719) é outro jansenista francês. Oratoriano. Expulso da congregação, foi para Bruxelas juntar-se a Arnauld.

Após a morte deste em 1694, assumiu a direcção do movimento. A famosa bula *Unigenitus* condenava 101 proposições ou erros de Quesnel.

Noel Alexandre (1639-1724) não é jansenista, mas regalista. Dominicano francês, deixou-nos, entre outros escritos, os *Selecta historiae ecclesiasticae capita* que versam sobre a historia da Igreja desde as origens até ao século XVI. Pela interpretação galicana que dá às lutas entre o Sacerdócio e o Império, esta obra foi posta no *Index* em 1684.

Resistiu também à bula *Unigenitus*, mas nunca aderiu ao jansenismo.

Louis Ellies Du Pin (1657-1719) é um célebre erudito e teólogo francês. Doutor pela Sorbone em 1684, entregou-se, sobretudo, ao estudo da historia eclesiástica. As suas obras enfermam de numerosos erros teológicos. Favorável às ideias jansenistas, nunca foi, porém, um jansenista obstinado, (como Petitpied, por exemplo), a ajuizar pela rapidez com que se retratou.

A sua vasta obra é criticável do ponto de vista doutrinal. Com efeito, Du Pin repetidamente se manifesta mais ou menos favorável aos autores suspeitos e hereges, e, sobretudo, galicano e hostil a tudo o que provém de Roma.

Data do início da sua carreira literária a publicação do livro - *De antiqua ecclesiae disciplina dissertationes historicae* - um conjunto de 11 dissertações a favor do jansenismo. Mas a defesa das ideias galicanas e jansenistas detecta-se em vários dos seus escritos.

Edmundo Richer (1560-1631) é um teólogo francês, professor da Faculdade de Teologia da Sorbone, conhecido pela defesa das liberdades galicanas. A sua obra - *De ecclesiastica et política potestate libellus* (Paris, 1611) suscitou uma tomada de posição por parte da Faculdade de Teologia, dos Bispos franceses e da Santa Sé. Foi demitido da sua cátedra em 1612.

⁶ *Compendio da vida e acções do venerável João Gerson, Cancelario da Universidade de Paris, etc. e Compendio dos escriptos e doutrina de João Gerson.*

⁷ *Compendio da Vida e Acções do Venerável João Gerson (Dedicatória).*

Segundo Richer os Reis e os regimes políticos são de direito divino e o poder civil independente do eclesiástico; a jurisdição da Igreja limita-se ao campo espiritual. Nos negócios temporais e mistos, a Igreja está sujeita ao poder civil. A Igreja galicana é independente do Papa bem como os Bispos no exercício da sua jurisdição. Galicano, além de conciliarista.

Pierre Nicole (1625-1695) é um moralista francês ligado ao movimento jansenista de Port-Royal. Foi colaborador de Arnauld e forneceu muita informação a Pascal para escrever as *Provinciais*. Permaneceu, ao que parece, sempre ligado à Igreja apesar de muitos dos seus livros terem sido postos no Index dos livros proibidos.

Claude Fleury (1640-1723) é um jurista que veio a ordenar-se sacerdote por acção de Bourdaloue e Bossuet. A sua obra principal, em 20 volumes, é a *Histoire Ecclesiastique*, notável pelo espírito crítico e estilo sóbrio. Os seus escritos manifestam espírito galicano, e, alguns deles, designadamente as *Institutions de droit ecclesiastique* e o *Cathécisme Historique* foram postos no índice. Foi membro da Academia Francesa.

Bossuet (1627-1704). Jacques Benigne Bossuet é o conhecido Bispo de Meaux, que em 1682, na Assembleia extraordinária do clero de França, redige a *Declaração sobre as liberdades da Igreja Galicana*.

2.3. Matriz italiana

António Genovesi (1713-1750) é um iluminista e economista italiano. Com a abolição da Faculdade das Artes e sua substituição pela de Filosofia, foi adoptado o compendio de Genovesi na cadeira do 1^o ano - *Lógica, Metafísica e Ética*. Assim informava o Reitor - Reformador, D. Francisco de Lemos, na *Relação do Estado Geral da Universidade de Coimbra*.

Genovesi abandonara na primeira parte da sua *Metafísica* as questões escolásticas e defendia a indução como método para alcançar o conhecimento.

Luis António Muratori (1672-1750) foi o grande erudito italiano que iniciou a publicação crítica das fontes históricas do seu país. As suas obras tiveram eco em Portugal. Com data de 1782, Dionísio Bernardes de Moraes publicou uma obra contra ele, na qual lhe chama "inimigo da Sé Apostólica e jansenista dissimulado". Pereira de Figueiredo saiu em sua defesa com uma "*Apologia*" que ficou manuscrita.

Das linhas de pensamento do Iluminismo católico são estas as matrizes fundamentais. Sem dúvida que é a matriz francesa a mais rica e a mais representada: pelas obras referenciadas, pelos autores e exemplos históricos invocados. Relativamente a estes últimos vejamos apenas alguns exemplos.

Em 1510, no concílio nacional de Tours, os prelados e teólogos, sob a ordem de Luís XII, votaram 8 artigos cuja substância era a seguinte: uma vez que o Papa Júlio II se tinha declarado inimigo do Rei, este e todo o Reino podiam negar-lhe obediência e cessar todo o contacto com Roma.

Nesta situação caberia aos Bispos governar as suas dioceses no espiritual segundo o direito comum e a Pragmática Sanção do Reino (Pereira, *Tentativa Teológica...*, p.271)

Em 1593, num momento de ruptura entre a Corte de Roma e a francesa, no reinado de Henrique IV, o Parlamento, sob proposta do Procurador da Coroa, estabelece que os Metropolitans podiam suprir a falta de bulas pontificias, e permitir aos Bispos nomeados pela Coroa governar as suas dioceses (Pereira, *Demonstração... Dedicatória*, p.XXXI-XXXII).

Em 1688, Inocencio XI recusava as bulas de confirmação a dois Bispos nomeados por Luís XIV sob a alegação de que tinham subscrito os artigos da Assembleia do Clero em 1682 relativos ao poder eclesiástico e real. Antoine Arnauld propõe e defende a convocação pelo Rei de um concílio nacional que definisse a atitude a tomar face à Santa Sé (*Demonstração...Dedicatória*, p. XXXII-XXXIII).

Para Arnauld a solução estava na adopção da doutrina antiga da Igreja segundo a qual cabia aos metropolitans confirmar e sagrar os sufragâneos.

Os exemplos podiam multiplicar-se.

É, pois, a matriz francesa, na sua vertente jansenista e galicana, a que mais fortemente se faz sentir.

Os mentores do movimento não agem descoordenadamente. Existe uma rede de cumplicidades através de comercio epistolar. O veículo mais conhecido dessas ideias é um jornal

semi-clandestino - *Nouvelles Ecclesiastiques* - que funcionava como órgão semi-oficial do jansenismo.

Em carta de 14 de Fevereiro de 1776 comunicava António Pereira ao Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo:

"Ontem fui entregue da Carta e pacote de város papeis importantes com que me presenteou meu amigo Bellegarde de Utrecht. E hoje fui ao Senhor Marquez dar-lhe a ler a mesma carta em que se falava nele com o devido apreço e a oferecer-lhe a *Suite des Nouvelles Ecclesiastiques* de Dezembro de 1774".

Por seu lado, era óbvio o interesse de Gabriel Dupac de Bellegarde pelos livros e peças importantes que interessavam à Igreja e á boa literatura "e que hoje se produzem em Portugal mais frequentemente que em qualquer outra parte".

Para António Pereira, este intercâmbio de ideias havia já produzido seus fructos, consubstanciados numa verdadeira mudança cultural. Este é o pensamento que verte na introdução ao *Compendio da Vida e Acçoens de Gerson*. Eis as suas palavras:

" Já o que antes passava em Portugal por heresia é hoje entre nós doutrina corrente. Já em lugar de Soares, Lugo, Ripalda e Belarmino, andam nas mãos de todos um Gerson, um Sarpi, um Marca, um Nicole, um Arnauld, um Pedro Aurélio, um Dupin, um Bossuet, um Launoy.(...) Já os que se querem instruir no importante estudo da Historia Eclesiástica não pegam nos livros de Orsi, mas nos de Fleury ou de Racine. Já os nossos juristas perderam o horror a Grócio, a Puffendorf, a Barbeyrach e a Heinecio. Os canonistas antes querem ler a Florente, a Van Espen, a Barthel...."

E termina Pereira de Figueiredo: tanto pode um Ministro *iluminado* a quem dá a mão um *iluminado* Rei.

Como acabamos de ver, alguns reflexos do Iluminismo católico marcaram presença em Portugal na fase do Absolutismo esclarecido, presença que se foi apagando após a morte do rei e a queda do Ministro.